

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTOPENSAR NOS
APROXIMA

Apresentação

Braskem

Patrocínio

Unimed
Porto Alegre

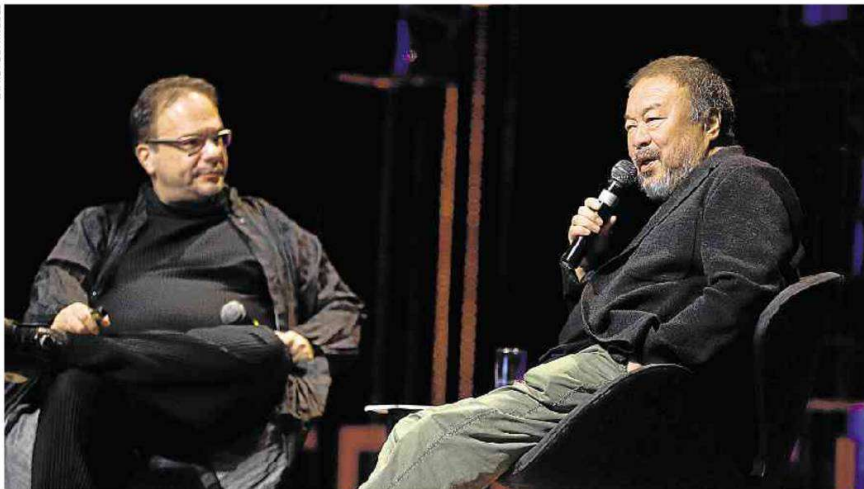
Parceria Cultural

HOSPITAL
MOINHOS DE VENTO

Empresa Parceira

MARISTA

PUCRS

SOUTO
CORREA
Sociedade
Cultural
Luzia e Augusto

CARILIA DOMINGUES

Curador
Marcello Dantas
entrevista o
artista e ativista
Ai Weiwei

Ai Weiwei conta história de luta pela liberdade

ARTISTA CHINÊS compartilhou a experiência como opositor do regime comunista de seu país em encontro na última segunda-feira

LUIZA PIFFERO

luisa.piffero@zerohora.com.br

O artista, arquiteto, cineasta e ativista político chinês Ai Weiwei foi a atração do Fronteiras do Pensamento na última segunda-feira. O encontro no Salão de Atos da UFRGS foi em formato de entrevista, com perguntas feitas pelo curador brasileiro Marcello Dantas. O artista falou sobre censura e autoritarismo na China, bem como sobre seu ativismo pela liberdade de expressão e pelos refugiados do mundo todo.

Antes de chamar o artista ao palco, Dantas detalhou a exposição que entrará em cartaz na Oca do Ibirapuera, em São Paulo, em 20 de outubro. *Ai Weiwei Raiz* será a maior mostra já realizada pelo artista e contará com obras fabricadas no Brasil, por artesãos locais que mesclam elementos da cultura brasileira com a linguagem irreverente do artista, como o ex-voto com a figura de Ai Weiwei mostrando o dedo do meio.

Frequentemente em cartaz nas maiores instituições de arte do mundo, Weiwei manifesta o ativismo político em suas obras. Desde criança, sente o peso de viver sob um governo autoritário: cresceu em exílio, pois seu pai, o poeta Ai Qing, foi enviado com a família pa-

ra campos de trabalho forçado.

– Cresci em uma sociedade em que arte, literatura, poesia, tudo isso foi proibido. Meu pai teve que queimar toda a sua coleção de livros e tive que ajudá-lo a fazer isso – recordou o artista.

Weiwei ficou famoso por usar as redes sociais para manifestar sua opinião, o que o fez entrar na mira do governo chinês. Foi agredido pela polícia, preso em 2011 e impedido de deixar o país por quatro anos. Atualmente, disse que seu nome foi apagado na internet da China, que se tornou mais restrita e “regional”:

– Temos cem mil pessoas que são uma espécie de polícia da internet e que, com a desculpa de tomar um chá, podem bater na sua porta para te intimidar. Meu advogado está cumprindo pena de cinco anos por algo que postou na internet. As pessoas têm muito medo e há muita autocensura.

Em seu documentário sobre refugiados, *Human Flow – Não Existe Lar se Não Há para Onde Ir* (2017), Weiwei afirma que o número de países com muros nas fronteiras cresceu para 70. Em Porto Alegre, disse que “fronteiras são ridículas” e que nenhum muro físico impediria as pessoas de lutar pela liberdade:

– Não devemos construir muros no nosso coração. Seriam os muros

mais fortes. E aí estaríamos ferrados – disse, arrancando aplausos da plateia.

Questionado sobre qual seria o antidoto para o racismo e a intolerância no mundo, Weiwei respondeu, logo após ouvir o público gritar “Ele Não”:

– Sempre temos o dia seguinte. É importante que os indivíduos defendam os seus valores. Não podemos deixar que apenas os políticos definam o nosso futuro.

Não poupou o capitalismo e a globalização de críticas. Para ele, teriam aumentado a divisão entre ricos e pobres, abrindo caminho para ódio e polarização política:

– É como falar de doenças, é algo que acontece e é difícil analisar. Temos que ficar atentos e perceber quando nossos direitos estão sendo violados. A democracia, em muitos sentidos, tem sido um fracasso e pode ser hackeada.

Famoso por tirar selfies, Weiwei despediu-se fotografando-se diante do público.

O Fronteiras do Pensamento Porto Alegre é apresentado por Braskem, com patrocínio Unimed Porto Alegre e Hospital Moinhos de Vento, parceria cultural PUCRS e empresas parceiras CMPC Celulose Riograndense e Souto Correa. A parceria institucional é da Unimed. Universidade parceira: UFRGS. Promoção: Grupo RBS.

PEDRO
GONZAGA

pdgonzaga@icloud.com

O TETO BRANCO DO QUARTO

Há alguns anos desertei, talvez tenha sido na primavera, como agora. Quem tem livros, tem escudos, dizia um velho mestre, mas não demora a percebermos que tais escudos refulgem apenas em paisagens interiores, pois sua matéria real é macia demais para as falanges inimigas espalhadas por toda parte: em cafés, colóquios, congressos, simpósios, sempre armadas da sólida certeza do pensar cada vez mais igual, prontas para torcer o rosto, senão vociferar, para quem ousa divergir de suas crenças.

Há alguns anos desertei e me refugiei na poesia, feito um personagem de Philip K. Dick, daqueles que habitam um mundo paralelo, com regras especiais, no caso aqui um lugar em que a cordialidade ainda é o mais potente antidoto para o horror de ser o que somos: imperfeitos, esquivos, incongruentes.

Há alguns anos desertei não por ser melhor, mas para não ficar pior, ciente de que a maldade é uma famigerada pátria íntima, em busca de novas alianças no mundo, mas que pode ser lograda em sua ambição com filmes, séries, fantasias macabras das quais não devemos nunca nos envergonhar, sob risco de realizá-las, mesmo sem intenção. O mal que eu não pratico já é uma forma de bem. Se não um bem, alguma coisa mais humana do que exigir a bondade dos outros, ou ditar o que podem desejar.

No começo pode ser difícil, não minto, assumir a derrota. Bordões como, eu lutei a boa luta, talvez sejam necessários para acalantar nossa vaidade, e há que ter paciência diante dos xingamentos dos que ficam, plenos de éticas e moralismos, diante das acusações de termos seguido pela senda dos alienados. Mas respondê-los é ainda estar preso, é bater contra a parede inútil do dogmatismo. Se não há disposição de conceder um ponto que seja num diálogo, não há discussão salutar. E aos que nos acusam de estarmos perdidos, vale lembrar o poema Despedida, de Cecília Meireles: “Não ando perdida, mas desencontrada / Levo o meu rumo na minha mão”.

Deserte. Não se trata de um comando, mas de um convite. Será difícil, é certo, mas esta é a sina de toda e qualquer atividade humana em seus começos. Vencer o ridículo dos primeiros passos, o tartamudear das regras ainda desconhecidas, o desatarraxar de todas as medalhas anteriormente conquistadas.

Aos poucos, quase asseguro, virá um pequeno conforto, e já não parecerá absurda a ideia de se dissolver na sanidade branca do teto do quarto

GAUCHAZH



Leia outras
colunas em
gauchazh.com/
pedrogonzaga